

## A história até aqui

### GABRIEL + HEATH + REESE + SAL

Hora da atividade!!!!

Eeeee correndo o risco de ser  
demasiado sentimental... deem-me uma rosa  
e um espinho de todo o verão.

**G**

Oh, o Gabriel está a ficar piegas!!!

Espinho: voltar de Daytona para um novo apartamento,  
o divórcio dos meus pais estar assinado  
e já não viver numa praia

Rosa: voltar de Daytona com um novo namorado jeitoso

(que és tu, Reese)

(para o caso de precisares do esclarecimento)

Além disso, foi ótimo restabelecer contacto  
com a minha prima Diana!

**H**

Sendo justos, é certo que beijaste vários rapazes  
na Florida, por isso agradeço o esclarecimento ☺

Esse é o meu espinho. Mas houve muitas rosas...  
adorei aprender a costurar, acho que os meus *designs*  
ficaram muito melhores em Paris e, além disso, enfim,  
pude viver em Paris, que é objetivamente a mais fixe  
das cidades a que fomos.

**R**

Ei, Boston foi divertido!  
A minha rosa foi aprender que podia  
fazer amigos além de vocês.

Não tinha a certeza de que fosse capaz.  
Ahaha. O meu espinho foi voltar  
e ainda faltarem 6,5 meses para descobrir  
se entrei para a Estadual do Ohio.

**G**

Pró: descobri que gosto mesmo de política...  
só não da política de DC.  
Contra: o meu colapso espetacular.

**S**

São rosas e espinhos, não prós e contras

Não tens fantasia nenhuma

**H**

Rosa especial extra por ainda  
sermos todos amigos depois desse verão louco.  
Mas também um espinho,  
porque não fomos lá muito bons a manter  
o contacto uns com os outros.

E isso a modos que me assusta, porque este  
é provavelmente o nosso último ano a viver  
na mesma terra... para sempre.

**G**

## Capítulo Um

### REESE

**O**utubro sempre foi o meu mês favorito. Há uma sugestão de mudança a toda a minha volta — a brisa torna-se ligeiramente mais fria, as árvores mudam de cor, as minhas alergias acalmam e a época futebolística da escola secundária entra em pleno vigor.

Pronto, está bem. Isso é uma coisa do Heath. Para mim, quer dizer que começa o período das *bancas* do futebol da escola secundária, e que posso comer batatas fritas com queijo todas as sextas-feiras à noite.

Este verão, depois de deixar Paris, voltei com um estranho conjunto de novas responsabilidades. Enquanto guru das artes em geral, fui já encarregado de planejar o baile deste ano. As aulas são diferentes, cada uma mais difícil do que a anterior. E, além disso, pela primeira vez na história, posso representar o papel de namorado.

*Sou o namorado de alguém*, penso enquanto visto uma volumosa camisola de tricô. *Sou o namorado do Heath!*

Lá fora, oiço o crepitar de gravilha, seguido de três fortes buzinas, o código do Heath para *Amo-te* — ou, especificamente, para «amo-te, mas não te vou buscar à porta».

Ponho os óculos de sol, despeço-me da Mãe e da Mamã e saio para o sol poente.

Mal entro na carrinha, sinto o cheiro do desodorizante do Heath, e sei que, se estivesse de pé, me iam fraquejar os joelhos. É prodigioso, ridículo e perigoso o poder que este rapaz perfeito tem sobre mim.

— *Mi amor* — diz ele, com um mau sotaque francês, em vez de «olá».

Retraio-me.

— Não queres dizer *mon amour*?

Ele encolhe-se.

— Ah, certo. Suponho que é isso que ganho por tentar impressionar o meu namorado viajado.

— No entanto, por alguma razão, *continuo* a sentir-me atraído por ti — digo, atirando o cachecol por cima do ombro.

No caminho até à escola, falamos assim — piadas privadas e uma conversa que não faria o menor sentido para qualquer transeunte, na nossa própria língua. Ao fim de dois meses, tudo com o Heath continua a parecer novo e hesitante, mas ao mesmo tempo velho e seguro.

Olho para ele, mas tem os olhos fixos na estrada.

— Em que pensas? — pergunta.

— Sinceramente? Em que isto ainda não parece real. Tu e eu. — Hesito. — Depois de todo este tempo.

Ele para a carrinha e agarra-me fluidamente por baixo do braço. Puxa-me para si enquanto se inclina, e os nossos lábios encontram-se. É um beijo rápido, mas também é firme. Diz-me uma coisa: *Estou aqui e não vou partir*.

— Isto pareceu-te real? — pergunta.

Ainda sinto os lábios a formigar.

— Parece mais real a cada segundo que passa.

— Ótimo — diz ele, abrindo-me um sorriso radioso.

Fazemos o resto da viagem quase em silêncio, até nos aproximarmos da escola. Pelas janelas abertas da carrinha, oiço ecos ténues do nosso cântico de guerra a ser tocado pela banda e, ao entrarmos no parque de estacionamento, o tumulto da multidão. Absorvo a sua energia, e o meu ritmo cardíaco dispara de entusiasmo.

Eu, o Gabriel, o Sal e o Heath temos estado tão ocupados desde o início do ano letivo, o Heath com a musculação, o Gabriel com o seu novo Grupo de Defesa LGBTQ+ e o Sal com a associação de estudantes, que há dias em que até a nossa conversa de grupo fica em silêncio.

Mas esta noite, no jogo de regresso às aulas, vamos ser os quatro inseparáveis.

\*\*\*

Entramos no campo de mãos dadas, eu e o Heath, e observo atentamente o que me rodeia. Em Paris, ninguém teria pestanejado ao ver-nos, mas em Gracemont, Ohio? As coisas são um pouco diferentes por aqui.

Passamos por montes de pessoas, pais que conheço, antigos professores. Esboço até um sorriso educado à zeladora da escola preparatória. Os seus olhos voam para as nossas mãos unidas antes de procurarem os meus, e enquanto sinto a respiração presa na garganta, ela lança-me um olhar que só pode ser interpretado como um «oh lá lá!»

Coro e guio o Heath em direção às bancadas.

— Os rapazes estão além, mas apanho-te num instante — diz ele, recuando e apontando para alguns dos seus amigos do basebol. — Vou primeiro cumprimentá-los. Queres alguma coisa das bancas quando eu voltar?

*Batatas fritas com queijo*, respondo mentalmente. Mas então lembro-me de que, se as comer agora, vou comer mais na terceira parte, quando começar a aborrecer-me, e vai doer-me o estômago.

— Só uma *Sprite*? — digo com pouca convicção.

Ele semicerra os olhos.

— Certo. Batatas fritas com queijo e uma *Sprite*, já a sair.

Dirijo-me às bancadas, e a brisa fresca na minha mão acabada de largar faz-me sentir a falta do Heath. Abano a cabeça. Depois de todo

aquele anseio, ter alguém mexe-me de igual modo com o cérebro, e amaldiçoou o meu pequeno cérebro tolo por ser tão cliché.

— Reese! — grita o Gabriel, descendo as escadas de telemóvel na mão. — Diz olá ao Matt!

Encosto-me à vedação de rede, um pouco desorientado, enquanto forço um sorriso e aceno ao rapaz do outro lado da sua chamada via FaceTime.

— O Sal está lá em cima — informa ele. — Volto já, a rede é péssima.

Atravesso a multidão, acabando por ver o Sal, que tem ar de quem está a morrer de tédio, a navegar por algum tipo de *feed* de rede social, o seu rosto a refletir suavemente a luz do telemóvel. Espremo-me por entre um par de alunos do primeiro ano e sento-me ao seu lado, dando-lhe um toque ao de leve com o ombro.

— Reese — diz ele. — Onde está o Heath?

— Com os amigos do basebol — respondo. — Porque escolheu o Gabriel este momento para ligar ao namorado por FaceTime?

— Estão apaixonados ou assim. — O Sal limita-se a abanar a cabeça.

Ficamos os dois sentados, sem falar, só a navegar pelos nossos *feeds* do Instagram. Enquanto todos à nossa volta vestem camisolas com capuz da escola, casacos da equipa e a rara combinação de *T-shirt* e calções do adolescente do Midwest que jura que «nunca tem frio», o Sal está de camisa e calças formais, e eu com uma camisola chique e calças de ganga.

— Nunca tens a sensação de que não nos enquadramos aqui? — pergunto.

Ele suspira.

— Todos os dias.

Depois, ficamos em silêncio, enquanto a multidão à nossa volta ganha vida. Automaticamente, seguimos os gestos, pondo-nos de pé para o hino nacional, aplaudindo quando a nossa equipa recebe o pontapé de saída e arranca em direção à linha das quarenta jardas, entoando o cântico de guerra.

Finalmente, o Sal dá-me uma cotovelada. Tem um sorriso no rosto quando me viro para ele, mas o seu olhar está fixo em algo ao longe. O Gabriel e o Heath, entre risos, abrem caminho através da multidão para se juntarem a nós, com enormes refrigerantes e montes de batatas fritas com queijo precariamente apertados nos braços.

Sentam-se ao nosso lado e, por mais «alienado» que me achasse minutos antes, sinto-me realmente em casa quando o Heath me estende o meu refrigerante e passa o braço à minha volta. O Gabe lança-se numa história sobre como a irmã conseguiu infiltrar álcool num jogo da Universidade Estadual do Ohio, e nós ouvimo-lo atentamente, entre dentadas na comida e o ocasional viva obrigatório.

Durante muitos anos, rejeitámos atividades como esta, mas, agora que temos os dias contados... é como se sentíssemos esta necessidade de tirar o máximo partido de tudo.

O Gabriel e o Sal estão a rir-se tanto de qualquer coisa que parece que começam a ficar com lágrimas nos olhos. Entretanto, o Heath tenta dar-me uma batata frita coberta de queijo e deixa cair um pouco nos meus lábios — talvez de propósito. Serve de desculpa para me limpar a boca com um beijo.

Houve imensas mudanças este verão, mas nós os quatro voltamos imediatamente ao ritmo que temos desde o infantário. Posso sentir-me deslocado em Gracemont, Ohio. Mas aqui, rodeado dos meus amigos, pergunto-me como alguma vez senti que não pertencia.